





EXPERIÊNCIAS

sevilla, suas tentações e tradições

Marjolijn Kathelijne Vrolijk

Vamos começar a falar dessa maravilhosa cidade pelo contexto histórico, igual a análise da área projeto, aquele primeiro power point de dados necessários, na qual nem os professores prestam muita atenção, vamos ver se dessa vez dá mais certo.

Sevilla é a capital da comunidade autónoma Andaluzia. Este nome provém do nome "Al-Andalus", dado pelos mouros a todo território conquistado da península ibérica. O sul foi a última região a ser deixada pelos mouros e por isso acabou ficando o nome. Porém a origem de Sevilla vai muito além disso. Segundo os mitos gregos a cidade foi fundada por Hércules e fez parte da região Tartesso, denominada pelos gregos como a "primeira civilização do oriente". Também é dito que Hércules na verdade era o comerciante fenício Melkart que foi considerado um semideus. Portanto fenícios e cartagenos dominaram a cidade que sempre teve um caráter comercial, devido ao rio Guadalquivir. 206 anos A.C. os Romanos entram em cena e dão continuidade ao caráter comercial e romanizam a região.

Isto durou até a invasão dos germânicos, como os vândalos, suevos e por fim os visigodos. Esta época teve fim quando os Mouros atravessaram o Estreito de Gibraltar, ou as Colunas de Hércules, como era chamado na antiguidade. O domínio dos mouros perdurou por 5 séculos, transformando Sevilla na cidade de maior importância para todo Al-Andalus. No fim do período de ocupação a cidade foi regida pelos mouros almorávidas e almôadas, responsáveis pela forma do centro histórico da cidade e suas construções mais importantes.

Alguns destes são o Palácio Real Alcázar (onde foi gravado Game of Thrones, para os amantes), a Giralda, um minarete que hoje é torre da catedral gótica de Sevilla e a Torre de Ouro, que fica ao lado do rio e era responsável pelas mercadorias que chegavam à cidade na época das grandes navegações. Em 1248 Sevilla foi "reconquistada" pelo rei católico Fernando III e os muçulmanos são expulsos. Começou então a forte tradição cristã que existe até hoje, que também levou à expulsão dos judeus cujo legado é o labiríntico e





mágico bairro de Santa Cruz.

Acho que nesse resumo da história (talvez um pouco mais longo que o powerpoint obrigatório) é possível ver como Sevilla passou por inúmeras culturas, transições e foi palco para grandes acontecimentos históricos. Isso ainda pode ser percebido a cada passo dado naquela cidade.

Lendo a página sobre Sevilla na Wikipédia (quem nunca, gente?) e falando com algumas veteranas (obrigada gente!) antes de partir para as desconhecidas terras do sul da Espanha, descobri algumas coisas. Que eu queria morar nesse maravilhoso centro histórico e que o espanhol andalus é de difícil compreensão até para os espanhóis de outras regiões.

Bom, considerando que essa cidade de 696.676 habitantes tem o maior "casco antiguo" da Europa, não foi tão difícil achar moradia ali. Devido à gente que conheci nos grupos de intercambistas em

redes sociais acabei encontrando um apartamento no bairro Alameda, situado ao lado da praça Alameda de Hércules. Tadaaaaam lá começam os primeiros confrontos históricos no dia a dia. As colunas gregas da praça foram colocadas ali pelo próprio Hércules. Mais tarde escutei que as colunas eram romanas e foram trazidas de outro bairro séculos depois e algumas ainda quebraram no meio do caminho, mas esse fato a gente abafa porque legal mesmo é ter mitologia grega na porta de casa.

É incrível ver como os andaluzes se mantêm fiéis às suas tradições, algumas mais controversias, outras abertamente abraçadas por todos. Suponho que todos vocês já escutaram falar da "siesta" (senão, acorda gente, literalmente hehe). Bom, o ato de parar de trabalhar por algumas horas para tirar uma soneca e depois voltar ao trabalho é bastante comum ali. Porém há quem prefere gastar essas horinhas

ou parte delas para tomar uma caña (pequeno chopp). Dormir ou tomar uma breja, eu acho ambos lindos porque além de ser uma maneira de fugir do calorão, vejo isso como uma forma bacana de encarar o trabalho. Isso é minha interpretação, mas veja bem, você pode optar a matar o coelho numa cajadada só, e falar pro querido prof ou profa não dar intervalo para que a aula acabe mais cedo. Ou você aceita que as obrigações fazem parte e trabalha um pouco, faz outra coisa e volta a trabalhar, deixando o dia mais equilibrado. Lembro bem a primeira vez que fui ao supermercado e passei em frente ao bar e pensei que estava acontecendo algum evento, só que não! Eram espanhóis celebrando a vida! Achei maravilhoso!

Creio que é senso comum que maravilhas da vida e comidinhas andam de mãos dadas, logo é desnecessário dizer que a caña nunca vem desacompanhada. Além de comer umas azeitonas e altramu-

ces (joguem no google hehe) não é uma má ideia pedir umas tapas ao sair em Sevilla. É muito comum, ao sair para jantar, pedir pequenas porções de diferentes comidas em vez de um prato único. Dessa maneira consegui provar muita comida espanhola em um tempo limitado hehe, já que como intercambista as vezes dá desespero de que você não poderá provar tudo. Ok, refletindo aqui acho que só eu pensava nisso. Bom, na verdade na metade do intercâmbio desenvolvi um vício por croquetes e passei sempre a pedir uma tapa de croquetes com algo hehe.



Bom, apesar desses momentos de descontração os sevillanos podem ser muito sérios e dedicados. Antes da Páscoa temos a Semana Santa que é celebrada intensamente. Durante toda a semana há procissões enormes por toda a cidade, pessoas vestidas de nazarenos, outros carregando cruzes durante toda a madrugada. Nesta semana a cidade toma um ar muito especial e muito esquisito ao mesmo tempo. Pessoas passam horas na calçada para ver sua "hermandad" passando e não levantam por nada (cheguei a passar por cima de alguns pra sair da minha rua hehehe). Algumas procissões são silenciosas já outras tocam músicas capazes de arrepiar até os mais insensíveis.

A seriedade da Semana Santa se esquece algumas semanas depois quando começa a Feria de Abril, um espetáculo de festa que dura uma semana, onde todos se dedicam a suas tradições e começa um verdadeiro desfile de moda de trajes flamencos. Cada família ou grupo de amigos faz a sua própria "casseta", uma barraquinha com palco, bar e cozinha e festejam entre si por uma semana, regado a muito sprite e vinho branco. Quem é de fora precisa de bons contatos pra entrar porque tem até segurança na entrada.

Deixei aqui pra vocês um pouco da cultura sevillana. Relendo assim não tem muita conclusão (tipo o powerpoint de levantamento da área que já tinha que ter propostas iniciais mas você ~não estava sabendo~). Porém acho que ficou claro que essa cidade tem muito a oferecer para qualquer um, independentemente do que busca ali para sua visita. Desenvolvi muito respeito pelo amor e tradição que os andaluzes cultivam pela sua história e seus legados.

Marjolijn Vrolijk é estudante de Arquitetura e Urbanismo, do 8º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

irlanda

Letícia Camargo

Devo dizer que a experiência de viver e estudar em outro país é algo que lhe faz crescer como pessoa e abre seus olhos para uma outra realidade, que no fim, alterará a sua própria. O acúmulo de informações e momentos em um intercâmbio nos revela caminhos e nos faz pensar em novas possibilidades, tanto na vida, como na carreira.

Morei por um ano no interior da Irlanda, no campus da University of Limerick, que além de ser o centro universitário da região, era um parque, centro gastronômico, cultural e de esportes, tudo dentro do campus. A Irlanda é um país único e com uma cultura e paisagens riquíssimas e um povo alegre e que se orgulha de duas raízes.

A quantidade de bagagem cultural que tive com essa experiência, foi imensa, porém, irei focar na nossa área: arquitetura e urbanismo. O que percebi em minhas aulas na universidade, a grande preocupação que os europeus vêm enfrentando é em relação ao meio ambiente: os projetos sempre são pensados em relação à sustentabilidade, usando materiais recicláveis e de produção limpa, além de sempre haver o maior aprovei-

tamento energético possível. Outra curiosidade que enfrentei durante as aulas, foi a preocupação com a natalidade, que vem caindo nos países da Europa, portanto, quando vamos projetar uma residência, eles sempre pensam no número de filhos que uma família pode ter naquela região e a partir disso, eles procuram projetar uma residência que estimule a vontade de um casal ter filhos. Por exemplo: tamanho da área livre, número de quartos (sempre um quarto por filho) e tamanho do terreno.

Também tive a oportunidade de viajar muito e conhecer várias cidades e vivenciar o que havia estudado aqui no Brasil. E o que me chamou a atenção, foi o grande aproveitamento de espaços públicos pela população e como isso traz vida e nos faz sentir mais seguros e à vontade para explorar aquele lugar. A maioria dos edifícios possuem uso misto, tanto os novos, como outros mais antigos, porém restaurados e em bom estado. Nota-se que a população não se sente desconfortável em andar na rua, deitar na grama ou simplesmente fazer nada em alguma praça: tanto os espaços como as atitudes das pessoas

tomam cada lugar convidativo e aconchegante.

Entretanto, percebi que o Brasil é um país muito melhor e possui muito mais potencial do que eu pensava antes dessa experiência no exterior. Foi vivendo uma outra realidade que notei o quanto nosso país é rico em sua cultura e pessoas e, que nada que foi visto lá não possa ser implantado aqui, pois todos os lugares possuem problemas de transporte, logística urbana e segurança. A diferença, é que esses não eram ignorados e sim, enfrentados. Muitas vezes, com alternativas simples, porém com grande impacto na cidade e na vida da população.

Para mim, todo o intercâmbio, incluindo as aulas, as viagens, as novas amizades e o diferente cotidiano potencializaram tudo que eu havia visto, em teoria, na universidade no Brasil. Pude sentir a diferença que um bom planejamento e uma boa arquitetura tem na vida das pessoas.

Letícia Camargo é estudante de Arquitetura e Urbanismo, do 6º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas







Pavilhão de Portugal, 1998, Álvaro Siza

zaragoza, espanha

Mariana Beneduzzi

Quando entrei para a Universidade, carregava dois sonhos que almejava muito alcançar. Objetivos que fariam da minha graduação uma experiência completa, e um deles era viver um intercâmbio. Um sonho que foi passando com o tempo e com a correria com as coisas da própria universidade.

No terceiro ano, quando tomei mais conhecimento sobre o Programa de Intercâmbio Ciência sem Fronteiras do Governo Federal, e vivi junto à vários amigos que haviam se inscrito naquele edital, é que despertei o grande sonho que havia adormecido dentro de mim.

Em 2015 me inscrevi para o edital. Foram diversas etapas, dentre elas o teste de proficiência.

Em junho de 2015 foi lançado o resultado final do processo e eu havia sido aprovada, e no dia 26 de Agosto estava eu no aeroporto de Guarulhos em São Paulo, sozinha, com minha malas nas mãos, entrando em um avião pela primeira vez para viver o meu grande sonho. Se eu senti medo? Se eu pensei em desistir? O entusiasmo e as expectativas eram tão grandes que não coube espaço para estes sentimentos.

A primeira semana era tudo maravilhoso! Fazendo novas amizades com um grupo de Brasileiros que estavam chegando também, fazendo amizades com outros grupos de estudantes de intercâmbio de todas as partes do mundo. Encontrar lugar para morar não foi problema, as cida-

des europeias estão acostumadas com número de pessoas de outras partes que circulam por ali para estudar e trabalhar.

Encontrei um pouco de dificuldades quando iniciaram as aulas na universidade. No início, é um pouco complicado acompanhar as aulas porque mesmo tendo estudado a língua no Brasil, a prática no país é bem diferente. Também a adaptação e recepção à universidade quebraram um pouco minhas expectativas; alguns professores deixavam bem explícito algum tipo de Pré-Conceito com relação aos estudantes brasileiros e latino-americanos, porém não eram todos. Outros professores acolhiam aos de intercâmbio todos iguais e se dedicavam mais em explicar a metodologia de traba-

lho da disciplina.

No segundo semestre do intercâmbio foi tudo bem diferente, o desenvolvimento com a língua e a adaptação ao ritmo da universidade e da própria cidade, fez tudo ser mais fácil e consegui obter um rendimento muito melhor nas disciplinas.

Durante os 11 meses que estive nesta experiência me dediquei ao máximo em absorver o máximo de coisas boas possíveis. Planejei diferentes viagens que seguiam um roteiro arquitetônico com projetos que havia estudado aqui no Brasil e que jamais imaginava poder conhece-los pessoalmente. Viagens onde além de arquitetura, entrava em contato com diferentes culturas, tradições e formas de organização da sociedade. Para mim era incrível analisar, como estando todos tão perto,

os países eram tão diferentes em questão de cruzar uma fronteira.

A prática de diferentes línguas também foi enriquecedor. Além do espanhol foi possível praticar e aprender mais o inglês e o italiano que eram línguas que eu havia tido contato no Brasil, porém nunca praticado.

O contato com pessoas de todo o mundo também é sem dúvida tão enriquecedor quanto todas as outras coisas que citei. A troca de conhecimentos, educação, gastronomia, cultura, religião, que resultam no final em uma expansão da nossa mente, e em amizades que posso carregar para toda a vida.

É impossível ir para uma experiência como esta e voltar sendo a mesma pessoa.

A minha conclusão desta experiência de intercâmbio é que ao

contrário do que eu mais ouvi antes de ir, "de que iria perder um ano para me formar" é de que vivi neste um ano, o que provavelmente eu levaria uma vida para viver, e que hoje posso terminar minha graduação com outra mente e outra visão do mundo, que sem dúvida me ajudarão como profissional no futuro.

Aos que pensam na ideia de fazer intercâmbio o meu conselho é: "Se joguem de cabeça na oportunidade que tiverem, e aproveitem tudo ao máximo, porque não irão se arrepender".

Mariana Beneduzzi, estudante de Arquitetura e Urbanismo do 8º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Pavilhão de Barcelona, 1929, Mies van der Rohe

bosch + fau puc campinas

Lucas Jansen e Priscilla Franco

O workshop proposto pela Bosch, em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, compõe o ciclo da 17ª Semana Integrada do CEATEC, onde são realizadas palestras e atividades sobre diversos temas que contribuem para o aprendizado acadêmico e profissional dos alunos, possibilitando integração e interdisciplinaridade entre os cursos.

Com a duração de 4 dias (do dia 14 ao 19 de Setembro/2015) e sob a orientação dos professores Caio de Souza Ferreira e Wilson Barbosa Neto, os alunos deram início às etapas de desenvolvimento do projeto para o novo espaço de Showroom e Centro de Treinamento – CT/PT da Bosch, situado na Bahia, o qual incorpora três áreas de treinamento (teórico, técnico e prático), em uma metragem única de 70m² (7,0m x 10,0m – área de mezanino).

No primeiro dia os alunos fizeram uma visita técnica de "briefing" de projeto in loco nas dependências da Bosch, em Campinas (Rodovia Anhangueira), sob a supervisão e orien-

tação da equipe da empresa. Nesta, houve a apresentação e reconhecimento dos 3 espaços-síntese característicos da proposta: o primeiro destinado ao treinamento teórico (composto por cadeiras, mesas, display de ferramentas e projetor de imagens); o segundo compreende a parte técnica (com bancadas leves para reparo de ferramentas); e, por fim, o terceiro espaço destinado ao treinamento prático (com bancadas mais robustas e porta materiais). Hoje, cada tipo de treinamento acontece em sua respectiva sala e, se somados, compreendem uma área total de 280m².

O desafio articula, portanto, a capacidade dos alunos em trabalharem com a compactação de três segmentos distintos dentro de um mesmo espaço, garantindo, contudo, a funciona-

lidade e a qualidade dos treinamentos. Uma vez que os cursos não serão ministrados simultaneamente, o resultado teve como meta atender ao maior número possível de pessoas em cada treinamento num ambiente reversível, composto por bancadas e prateleiras retráteis, capazes de serem recolhidas ou expandidas, conforme a necessidade das aulas. Assim, o partido adotado teve como referência um canivete: objeto capaz de integrar conceitos como multifuncionalidade, otimização, compactação e praticidade. Seguindo este raciocínio, o projeto resumiu-se, portanto, em uma única unidade móvel, a qual sintetiza e articula três distintas bancadas necessárias nos três tipos de treinamentos.

Treinamento teórico: o tempo vermelho, de acabamento mais



Espaço de treinamento teórico



Espaço de treinamento técnico

PROCESSO DE MONTAGEM

delicado, indica a bancada para treinamentos teóricos; em suas laterais estão compartimentos especiais para acomodar duas cadeiras utilizadas neste tipo de treinamento e, por serem retráteis, possibilitam dinamicidade e rapidez na montagem e desmontagem do espaço.

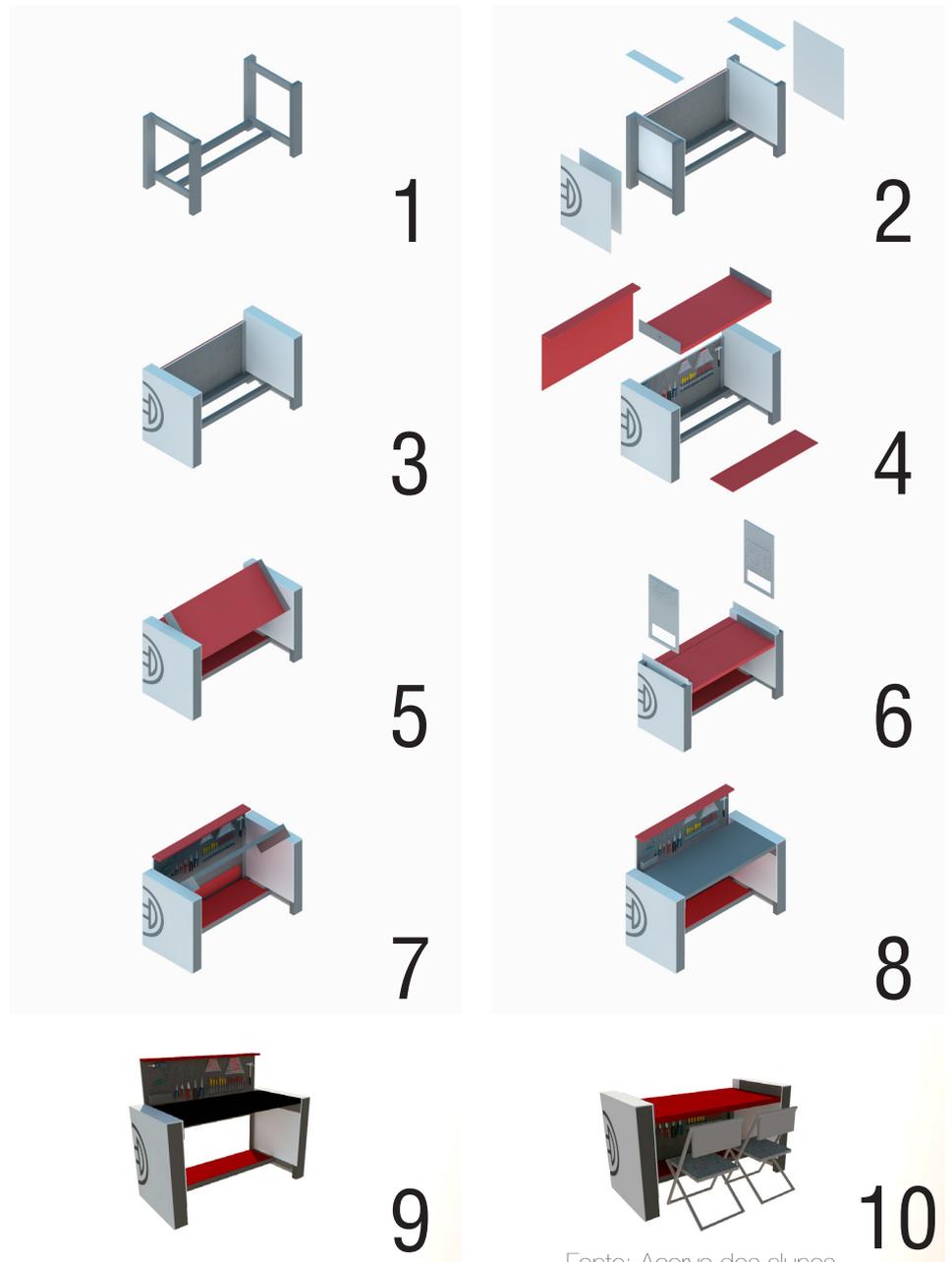
Treinamento técnico: a partir desta conformação ao rotacionar, simplesmente, o tampo em seu próprio eixo (agora com a face preta) e levantando o compartimento de ferramentas, tem-se a mesa para aulas técnicas; o giro dá-se por um pivô localizado no interior do tampo da mesa.

Treinamento prático: mantendo o tampo preto e abaixando o nicho de ferramentas, obtém-se a mesa para aulas práticas: uma vez que a plataforma de trabalho na cor preta é revestida por um material mais resistente e robusto, o mesmo permite grandes impactos.

Vale ressaltar, também, que houve a preocupação em relação à altura da mesa, que difere nos respectivos treinamentos. Na sua configuração para as aulas teóricas, a altura é equivalente a 80 cm, compatível a uma mesa de estudos, já que os estudantes estão sentados. Nas conformações técnicas e práticas, a mesa passa de 80 para 90 cm,



Espaço de treinamento prático



Fonte: Acervo dos alunos.

proporcionando maior conforto aos usuários, uma vez que estes passarão a trabalhar em pé.

O segundo e terceiro dias foram de intensa produção, onde os alunos uniram-se em um grande grupo e o trabalho foi sendo distribuído segundo seus domínios e especialidades. No quarto e último dia, com o projeto finalizado, houve uma apresentação técnica para os representantes da Bosch que vieram para campus da PUC avaliar o resultado, que foi satisfatório. Os participantes, além de terem sido contemplados com produtos da

marca, compartilharam experiências e ideias, uma vez que o grupo era composto por alunos de diferentes anos e cursos, sendo alguns recém-chegados de intercâmbio. Em suma, o aprendizado final possibilitou uma rica troca de conhecimentos ao longo do processo, aprimorando o senso crítico e ampliando a visão de mundo.

Lucas Jansen é estudante de Arquitetura e Urbanismo, do 6º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Priscila Franco é estudante de Arquitetura e Urbanismo, do 8º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.